

DEVER DE MEMÓRIA

Duty of Memory

Sofia Débora Levy, Luiz Otavio Ferreira Barreto Leite

Ao saudoso amigo Saul Fuks, sempre presente



Ilustração: Glauca Flores y Reyes

RESUMO

O presente trabalho visa promover o reconhecimento da importância da preservação da memória do Holocausto como paradigma de reflexão acerca da condição humana. Para tanto, revisitamos o Seminário *Memórias do Holocausto* promovido pela UNIRIO em 2012, em caráter multidisciplinar, e enfatizamos seus produtos, em especial sua filmagem na íntegra, com destaque para o depoimento de sobreviventes, fundamentais para a conscientização das lições e reflexões que o tema nos proporciona, sobretudo acerca da violência traumática e da desestruturação psíquica dela decorrente. Visamos, ainda, contribuir para o combate às deturpações históricas intentadas pelo revisionismo e negacionismo do Holocausto ainda vigentes - desrespeitosas para com a memória de milhões de vítimas e para com o registro fidedigno da história da humanidade.

Palavras-chave: Holocausto; memória; conscientização

ABSTRACT

The purpose of this paper is to promote the recognition of the importance of preserving the memory of the Holocaust as a paradigm for reflection about human condition. To this end, we revisit the *Holocaust Memories* Seminar sponsored by UNIRIO in 2012, in a multidisciplinary approach, and emphasize its products, especially its footage in full, highlighting the survivors' testimony, which are fundamental for the awareness of the lessons and reflections provided by the topic, mainly about the traumatic violence and its consequent psychological disruption. This paper also aims to contribute for the fight against historical distortions brought by the Holocaust revisionism and negationism, still in force, disrespectful to the memory of millions of victims, as well as to the trustworthy record of human history.

Keywords: Holocaust; memory; awareness

Introdução

O Holocausto, tido por muitos como a barbárie do século XX, é por nós referenciado como paradigma de reflexão acerca da condição humana. Seja em seus aspectos dos mais vis, pela perversidade perpetrada pelo nazi-fascismo, aos mais sublimes, pelos esforços na luta pela sobrevivência, conforme relatado por sobreviventes e registrado na vasta literatura de testemunho, de considerável dimensão frente a essa trágica página da história da humanidade.

O presente trabalho revisita o Seminário *Memórias do Holocausto* realizado em maio de 2012, nas dependências do Instituto dos Advogados do Brasil (IAB), coordenado pela Profa. Flora Strozenberg, que reuniu professores e pesquisadores de diversas instituições, configurando a multidisciplinaridade para a qual a temática do Holocausto conflui. Assim é que contribuíram com maestria advogados, artistas, sociólogos, historiadores, filósofos e sobreviventes do Holocausto.

Dentre os produtos do evento, encontram-se ainda inéditas as filmagens na íntegra do Seminário, com destaque para a mesa de depoimentos de três sobreviventes – Sr. Aleksander Henryk Laks, Sr^a. Roza Rudnik e Sr. Samuel Rozenberg, realizada no dia 8 de maio daquele ano, coincidindo com a data histórica do fim da Segunda Guerra Mundial. Considerando o passar dos anos, essas imagens tornam-se preciosas para o registro da história e da memória do Holocausto, via lembranças narradas por aqueles que lá estiveram, e que vêm fenecendo. Aliás, do trio supracitado, hoje já não podemos contar com a presença do Sr. Laks (*Z'í – Zichronó Livrachá*, em hebraico, de saudosa memória), que nos deixou em 2015, até então Presidente da *Sherit Hapleitá – Associação dos Sobreviventes Vítimas da Perseguição Nazista* –, uma das instituições que apoiaram a realização do Seminário, hoje presidida pelo Sr. Freddy Glatt.

É digno de destaque o esforço feito pelos sobreviventes ao prestarem seus relatos, pois, a cada vez que o fazem, revisitam suas dores e as atravessam por saberem da importância de transmitir aos seus descendentes e às futuras gerações a perversa realidade por eles vivida. Como nos diz Primo Levi (1990), no mundo dos *Lager*, dos campos de concentração e extermínio, o terror diante da violência permanente paralisava a capacidade de observação e enunciação, pela incompreensão e sofrimento. A realidade concentracionária era orquestrada num grau de maldade de absurda concepção dentro dos padrões regulares de trato humano na modernidade, a ponto de mesmo os algozes debocharem da possibilidade de suas vítimas, caso sobrevivessem, virem a ser acreditados em seus relatos. Assim aconteceu com Simon Wiesenthal, famoso caçador de nazistas, em setembro de 1944, que ouviu de um cabo da SS: “ninguém acreditaria em você. Eles diriam que você está louco. Seriam até mesmo capazes de metê-lo num manicômio. Como pode alguém acreditar nessa horrível história, a menos que a tenha vivido?” (WIESENTHAL, 1967, p. 309). De fato, o psicanalista Bruno Bettelheim (1989), sobrevivente dos campos de concentração de Dachau e Buchenwald, relata que desde 1940, nos EUA, tentava alertar o mundo, em suas palestras, do que estava acontecendo aos judeus na Europa e não era ouvido nem acreditado. Apesar dessa resistência, pela qual chegou a ser acusado de paranoide, manteve seu intento de abrir os olhos e as mentes cegas à possibilidade de imaginar a perversidade humana legalmente instituída e estimulada pelo totalitarismo nazi-fascista.

Trauma e desestruturação psíquica

Jean Laplanche (1985) assinala que o trauma, termo originalmente pertencente ao domínio da medicina identificado como uma ferida no corpo, em sua concepção moderna compreende três dimensões: choque violento, efração do organismo com ruptura do invólucro protetor, e reflexo no organismo como um todo, desencadeando uma reação global da ordem de uma inadaptação, desproporcional e catastrófica. E, no âmbito do trauma psíquico, conserva-se “a noção de choque como afluxo brutal de excitação, e a noção de efração, como incursão no psiquismo de um grupo de representações que aí

permanecerá, 'grupo psíquico separado' ou 'corpo estranho interno'. Enfim, existe realmente uma reação catastrófica: eliminação das defesas normais..." (LAPLANCHE, 1985, p. 134).

A perda das defesas psíquicas, com conseqüências neurofisiológicas, perfaz a catástrofe que se abateu individual e coletivamente sobre as vítimas. Não por acaso, *Shoah*, catástrofe, em hebraico, é como o Holocausto é preferencialmente aludido por diversos autores, uma vez que, segundo Walter Laqueur (1981), 'Holocausto' não é um termo adequado para designar o genocídio dos judeus perpetrado pelos nazistas na medida em que '*Holokaustein*' significa trazer uma oferenda inteiramente queimada para sacrifício, não tendo sido essa a intenção dos nazistas, nem tal posição de vítima por parte dos judeus.

Tendo sido atingidos em suas defesas materiais e psíquicas, os sobreviventes do Holocausto relatam uma série de traumas sucessivos aos quais foram submetidos: perda da cidadania, violação dos seus direitos civis, preconceito, expulsão do lar, perda dos bens, perda de emprego, desmembramento familiar, confinamento em guetos insalubres e superpopulosos, fome, miséria, deportações, confinamento em campos de concentração, extermínio. A cada trauma vivenciado, sua estrutura psíquica sofria abalos em sua dinâmica – abalos esses de intensidade, duração e conseqüências imprevisíveis e variáveis de acordo com as condições físicas, históricas e valorativas da pessoa. Mas todos fortes o suficiente para comprometer a responsividade regular do sujeito frente ao mundo.

A questão do trauma é por nós aqui abordada a partir do conceito de estrutura psíquica formulado pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey, considerado o pai da historicidade. Dilthey não era psicólogo, mas sim um historiador profundamente ligado à psicologia, a ponto de ter escrito obras tais como *Ideas acerca de una psicología descriptiva y analítica* ([1894]/1945) na qual destaca as conexões vitais que estruturam o psiquismo humano. Para Dilthey, a estrutura psíquica é composta de três componentes fundamentais: inteligência, afeto e ação volitiva. A integração desse tripé proporciona o equilíbrio dinâmico da estrutura psíquica. No caso de uma vivência traumática, entendemos que as conexões da estrutura psíquica são abaladas, acarretando desequilíbrio no processamento cognitivo e emocional, prejudicando a capacidade de elaboração e reação. A consciência, instância psíquica integradora da dinâmica do homem frente ao seu mundo interno, ao mundo social, e ao mundo circundante (MAY, 1991), é obnubilada, acarretando a impossibilidade de compreensão clara e de responsividade proativa, expressões da integralidade do sujeito (LEVY, 2013).

Assim, para melhor compreender as reações das vítimas naquele período, em nossas pesquisas buscamos investigar como cada um dos sobreviventes se apercebia frente a essas situações traumáticas. Seja na revisão de literatura ou em entrevistas por nós implementadas, as respostas dos sobreviventes giravam em torno da incapacidade de pensar regularmente, e se voltavam para a descrição das dramáticas violências sofridas em seqüência, diante das quais não havia tempo de refletir. Essas respostas nos dão a tônica da desestrutura psíquica sofrida pelas vítimas do Holocausto e abrem uma possibilidade de compreendermos a perda da responsividade que a vivência traumática acarreta.

Com isso, os comentários e questionamentos, muitas vezes estigmatizantes e retraumatizantes, acerca do fato de as vítimas terem se deixado levar sem reação podem ser reconfigurados numa compreensão das possibilidades de reação do sujeito frente às vivências de traumas subsequentes. Com essa elucidação psicológica acerca da perda ou retardo da responsividade diante da violência traumática buscamos contribuir para que julgamentos distanciados possam ser reformulados em elaborações contextualizadas acerca da condição humana em situações-limite (LEVY, 2014). E ainda, para que abusos como aqueles cometidos por revisionistas e negacionistas, que insistem em dizer que a barbárie da modernidade é um exagero ou invenção dos judeus para pleitearem ganhos econômicos, chegando mesmo a píncaros de inversões nas quais acusamos próprios judeus de terem contribuído para o próprio genocídio (VIDAL-NAQUET, 1988) possam ser desmascarados e enfraquecidos. Abusos esses que podem ser desvelados sob a perspectiva da moderna antropologia da violência, um campo de estudos ainda em construção, que se apoia em

autores como Pierre Vidal-Naquet e não se furta a promover diálogos interdisciplinares com a Filosofia e a Psicologia (GIRARD, 1998).

Considerações finais

Atualmente, nossas reflexões prosseguem nos estudos realizados nas Escolas de Ciências Jurídicas e de Ciências Políticas da UNIRIO, em sala de aula e em pesquisas, e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, na linha de pesquisa memória, subjetividade e criação, investigando os efeitos do revisionismo e do negacionismo do Holocausto - que trazem a denegação como estratégia e objetivo - na memória social dos sobreviventes e seus descendentes, considerando-se o efeito potencialmente traumático da deturpação e da negação da realidade vivenciada (FERENCZI, [1934]/1992) e registrada nas memórias das testemunhas vitimadas pelo nazismo.

Esse é um tema caro à memória social, conforme registram os inúmeros trabalhos publicados no Brasil e, em especial, na Europa, palco da tragédia (POLLAK, 1990; 1992; HUYSSSEN, 2000). O combate à deturpação da história e das memórias de milhões de vítimas é um dever permanente, por respeito aos mortos, a quem devemos honrar, como nos assinala o sobrevivente e Prêmio Nobel da Paz Elie Wiesel (1984), que redobrava seus esforços ao atravessar suas dores em cada palestra ou livro que trazem suas lembranças e reflexões.

Os sobreviventes que prestaram seus depoimentos no Seminário *Memórias do Holocausto*, uma realização da nossa Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, disponibilizando-se a atravessar as dores do trauma, deixaram para nós um legado inestimável com o testemunho de tudo o que vivenciaram. Esse legado está editado e aguarda um roteiro para receber um aprimoramento para ampla divulgação com fins educativos, conscientizadores das inúmeras lições que a *Shoah* tem a nos ensinar. Os estudos acerca do trauma e da violência psicológica, seja em suas manifestações macro ou microssociais, sem dúvida ganharam espaço após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A perversidade da estrutura nazi-fascista ilustra, na modernidade, a infinitude da destrutividade humana legitimada socialmente. Em contrapartida, eventos como o Seminário *Memórias do Holocausto* ilustram a construtividade que pode proporcionar a reflexão crítica acerca daquele estado de exceção. A condição humana pode se manifestar de forma destrutiva ou construtiva - essa é uma luta permanente frente à qual a conscientização e a educação têm um papel de importância fundamental na perspectiva de contribuírem para que sociedades daquele perfil não encontrem mais lugar na história da humanidade.

Referências:

- BETTELHEIM, Bruno. *Sobrevivência e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- DILTHEY, Wilhelm. Ideas acerca de una psicología descriptiva y analítica [1894]. In: _____. *Psicología y teoría del conocimiento*. Pánuco/México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1945.
- FERENCZI, Sándor. Reflexões sobre o trauma [1934]. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992, v. IV. p. 109-117.
- GIRARD, René. *A violência e o sagrado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LAPLANCHE, Jean. *Vida e morte em psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAQUEUR, Walter. *O terrível segredo: a verdade sobre a manipulação de informações na "solução final" de Hitler*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

LEVY, Sofia Débora. *A ininteligibilidade no trauma: possibilidades de apreensão e superação com aplicações epistemológicas na clínica psicológica*. Rio de Janeiro, 2013. Tese (Doutorado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia/HCTE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. *Holocausto: vivência e retransmissão*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MAY, Rollo. *A descoberta do ser*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

POLLAK, Michael. *L'expérience concentrationnaire*. Paris: Métailié, 1990.

_____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória*. São Paulo: Papirus, 1988.

WIESEL, Elie. *Palavras de estrangeiro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

WIESENTHAL, Simon. *O caçador de nazistas*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.